

"A EXPLORAÇÃO DO MUNDO E A DESTRUIÇÃO DAS RIQUEZAS"

O professor PIERRE MONBEIG, da Universidade de São Paulo, realizou, no dia 12 de Maio findo, uma conferência na Associação de Geógrafos Brasileiros, na qual teceu comentários a respeito de alguns estudos do Professor FAUER sobre a exploração do mundo e a destruição das riquezas.

"ABASTECIMENTO DE ÁGUA NAS CAPITALS BRASILEIRAS"

O Sr. LINCOLN CONTINENTINO pronunciou, a 7 de Março último, uma conferência acerca do abastecimento de água das capitais brasileiras, afirmando que Belo Horizonte ocupa o 2.º lugar em matéria de regularidade no referido serviço, esclarecendo que os seus mananciais tem capacidade para abastecer um milhão de habitantes.

A conferência acima foi levada a efeito na sede do Rotary Clube daquela cidade.

"O BI-CENTENÁRIO DE PÓRTO ALEGRE"

O Coronel SOUSA DOCA realizou, no dia 5 de Março de 1941, uma conferência sob o título "O bi-centenário de Pôrto Alegre", na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

"A HISTÓRIA DE JUNDIAÍ COLONIAL E IMPERIAL"

O Senhor BENEDITO DE PAULA CERTAIN realizou no Salão Paroquial da cidade de Jundiaí, em Dezembro do ano findo, uma conferência sobre "A história de Jundiaí colonial e imperial", na qual se propôs defender a lenda de que aquela cidade paulista tenha sido fundada por criminosos fogaçados da Capital de São Paulo.

VANTAGENS DO ESTUDO E APLICAÇÃO DA CARTOGRAFIA EM RELAÇÃO AO ASPECTO FÍSICO DO BRASIL

O Major SEBASTIÃO CLAUDINO DE OLIVEIRA CRUZ, ao ser recebido como sócio da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em 6 de Março último, dissertou sobre as vantagens do estudo e aplicação da Cartografia em relação aos aspectos físicos do Brasil.

"GARIMPOS DO RIO DAS GARÇAS" E A "CIDADE E O PÓRTO DE SANTOS"

A Associação dos Geógrafos Brasileiros realizou, no dia 24 de Março último, mais uma das suas concorridas sessões, onde foram debatidos os temas "Cidade e o pôrto de Santos" e os "Garimpos do Rio das Garças", respectivamente, pela professora CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO e Senhor PAULO PEREIRA DE CASTRO.

Em primeiro lugar, fez uso da palavra a professora CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO, que estudou a cidade e o pôrto de Santos. Começou por se referir à situação do pôrto, colocado no ponto em que a planície litorânea começa a se alargar e onde a penetração para o planalto pode ser feita através de alguns vales fluviais, como o *Mogi*, e a altitude é de 800 m. Lembrou as origens da cidade, que surgiu ao pé do *Monte-Serrat* e do outeiro de Santa Catarina, hoje desaparecido, encontrando certas condições favoráveis, tais como os canais, sobretudo o da *Barra*, com profundidade nunca inferior a 5 metros, e morros que oferecem abrigo; isto sem falar na ausência de nevoeiros, devido à temperatura elevada.

A primeira fase da vida de Santos vai da fundação até o século XIX; é o período modesto, durante o qual as habitações aparecem ao redor do núcleo fundado por BRAZ CUBAS, a cultura da cana de açúcar é a principal atividade, a população oscila em número, chegando mesmo a decrescer em virtude do *rush* para as zonas de mineração.

A segunda fase corresponde ao período em que Santos começa a se tornar um centro comercial. A partir de 1836 vê-se ligada ao Rio de Janeiro por uma linha de navios a vapor. A cidade expande-se para leste e para as imediações do *Monte-Serrat*, começam a aparecer os sobrados recobertos de azulejos, o *Valongo* é o bairro principal, as chácaras localizam-se junto ao oceano, sendo sítios de veraneio para os próprios moradores. Neste tempo, o pôrto é muito precário, dispondo apenas de pontões de madeira, sendo os desembarques feitos por negros escravos e ficando as mercadorias em trapiches ou em embarcações encalhadas. O açúcar constituía o principal produto de exportação, até que o café o suplantou, a partir de 1855.

Inicia-se, então, a terceira fase. O desenvolvimento extraordinário da lavoura cafeeira no planalto, seguido da multiplicação das vias-férreas, repercute sem demora sobre a vida da cidade. Suas construções aumentaram em número, surgem as chácaras da avenida Conselheiro Nébias, de 9.000

habitantes em 1881, passa a 20.000 em 1888, 50.000 em 1900, para alcançar 140.000 em 1934. Trata-se de aparelhar convenientemente o pôrto, sendo feito contrato com a Com. das Docas de Santos em 1886; seis anos depois, inaugurava-se o primeiro trecho de cais. Estes, que deveriam ter apenas 800 metros, passaram logo a ter 5.000. Das 200.000 toneladas, admitidas de início, passou-se para os 4.000.000 do ano de 1939, o que elevou Santos à categoria de pôrto de 1.^a classe. Armazéns especiais para café e, recentemente, instalações frigoríficas e "silos" (que surgiram onde existiam os pequenos outeiros de granito), vieram completar a instalação portuária; além disso, tanques de óleo, ao longo da via-férrea, e depósito de inflamáveis na ilha Barnabé. Diante de todo êsse surto, ficou patente a grande estreiteza do cais, complicada agora com as novas linhas da Sorocabana.

Em 1925, registou-se uma grave crise no pôrto de Santos: o seu "engarramento", em virtude da incapacidade das vias-férreas. Daí os projetos de construção de uma nova estrada de ferro (a linha Mayrink-Santos) e de um novo pôrto (o de São Sebastião).

Para a construção do pôrto houve necessidade de acabar com as praias interiores, foco de moléstias; levantou-se o terreno e construiu-se o cais. O saneamento da cidade fez-se através de canais de drenagem, ao lado dos quais a população veio se estabelecer, dirigindo-se para a região vizinha do oceano. Ao mesmo tempo, a população mais pobre passou-se a localizar nos morros, onde começaram a aparecer os chalés de madeira. Novas chácaras apareceram, aumentando a área urbana, terminada a ameaça de moléstias e com o afluxo de trabalhadores, a população aumentou muito.

Santos continua a ser "a cidade do café", pois ali é êle manipulado e comercializado. Devido à proximidade de São Paulo, não possui indústrias. Suas culturas não lhe afetam a vida: as importantes plantações de bananas tem existência à parte, porque a exportação faz-se diretamente; as hortaliças são cultivadas por japoneses, nos arredores.

Depois da guerra de 1914, principalmente, passou a ser uma "cidade de turismo", um centro balneário de destaque, a verdadeira praia de São Paulo. Os hotéis e pensões passaram a dominar a face oceânica; a população começa a se deslocar para os lados de São Vicente.

Enfim, Santos é bem um exemplo dessas "cidades-satélites", pois sua vida é um reflexo da vida de São Paulo; 20.000 pessoas, pelo menos, para lá se

dirigem, indo da Paulicéa, cada fim de semana.

Terminada a palestra da professora CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO, o sr. PAULO PEREIRA DE CASTRO discorreu sobre os "Garimpos do rio das Garças". Iniciou o orador o seu estudo por uma referência geral aos principais centros diamantíferos do país, para localizar depois os garimpos do rio das Garças, em Mato Grosso. Examinou as condições físicas locais, as atividades anteriores, exploração da mangabeira, o aspecto dos aglomerados diamantíferos, as condições de vida, os processos utilizados e os aspectos comerciais da questão. Finalizou, acentuando o papel representado pelos garimpeiros nos sertões em que vivem e labutam.

"GEOGRAFIA DAS RELIGIÕES NO ESTADO DE SÃO PAULO"

O professor ROGER BASTIDE lente da cadeira de sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado de São Paulo proferiu no dia 14 de Abril dêste ano, uma conferência na Associação de Geógrafos Brasileiros daquele Estado, na qual abordou o tema acima.

O professor BASTIDE iniciou o seu estudo lembrando exemplos de influências do meio geográfico sobre certas religiões, de acordo com diversos autores (MONTESQUIEU, RENAN, FRASER). Acentuou que o ponto de vista da Geografia, no caso, deve ser sobretudo o da "repartição" à superfície terrestre, e que esta se processa de acordo com certas "possibilidades" locais; assim, as ilhas como os oásis podem ser pontos de isolamento religioso ou, ao contrário, laboratório de novas religiões. Referiu-se, também, às zonas de passagem, onde tem lugar uma estreita interpenetração de diferentes religiões.

Passou, depois, a estudar a influência das religiões sobre a paisagem natural; lembrou o caso da cultura da videira, pouco desenvolvida na África do Norte, apesar das condições favoráveis, em virtude da proibição do uso do vinho, feita pelo Islamismo, ao mesmo tempo que difundida nos países escandinavos; e apesar das condições negativas do meio geográfico, em virtude de ser o vinho necessário às cerimônias do culto cristão. Referiu-se às influências das peregrinações, que ocasionam migrações temporárias ou permanentes. Citou ainda, o caso dos charcos e pântanos da Picardia, criados pelos monges medievais, afim de que pudessem contar com o peixe necessário por ocasião da quaresma.

Lembrou aos presentes que é a chamada Morfologia Social o ramo da sociologia que a põe em contacto mais direto com a Geografia Humana. Em